Análise histórico-enunciativa da palavra *xibungo*: gênero e sexualidade em *Jubiabá*¹

Análisis histórico-enunciativo de la palabra xibungo: género y sexualidad en Jubiabá

Historical-enunciative analysis of the word xibungo: gender and sexuality in Jubiabá

Felipe Rodrigues Echevarria²

Resumo

O romance *Jubiabá*, de Jorge Amado, é uma obra na qual se pode observar uma série de práticas sociais que interessam aos pesquisadores. A obra mostra o modo como o personagem principal, Balduino, comporta-se para enquadrar-se nos padrões heterossexuais exigidos pela sociedade em que vive, bem como a maneira como ele se relaciona com outros personagens. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva fazer uma análise histórico-enunciativa da palavra *xibungo* em *Jubiabá*, tendo como dispositivos analíticos os conceitos de *reescritura por sinonímia* (Guimarães, 2018) e *palavra-puxa-palavra* (Silva, 1996). Ao consultar os sentidos de *xibungo* em *Novo Dicionário Aurélio de língua portuguesa* (1975), compreende-se que os sentidos dessa palavra apresentam questões de sexualidade e de gênero, sentidos esses construídos historicamente em uma sociedade que, por séculos, condenou a homossexualidade. Desse modo, a palavra *xibungo* estabelece relações semânticas com outras palavras e, assim, é possível analisar a forma como as palavras firmam uma relação direta com a História e o modo de hierarquizar sujeitos na sociedade. Os sentidos de *xibungo* também trazem à baila o modo como se constroem socialmente o conceito de masculinidade e o quanto as masculinidades podem ser plurais e heterogêneas.

Palavras-Chave: Estudos de gênero; História das Ideias Linguísticas; Jorge Amado; Literatura; Masculinidades.

Resumen

El romance *Jubiabá*, de Jorge Amado, es una obra en la que se pueden observar una serie de prácticas sociales que interesan a los investigadores. La obra muestra la manera en que el personaje principal, Balduino, se comporta para ajustarse a los patrones heterossexuales exigidos por la sociedad en la que vive, así como la forma en que se relaciona con otros personajes. En este sentido, el presente trabajo tiene como objetivo realizar un análisis histórico-enunciativo de la palabra *xibungo* en *Jubiabá*, utilizando como dispositivos analíticos los conceptos de *reescritura por sinonimia* (Guimarães, 2018) y *palabra-jala-palabra* (Silva, 1996). Al consultar los significados de *xibungo* en el *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1975), se comprende que los significados de esta palabra abordan cuestiones de sexualidad y género, sentidos que han sido construidos históricamente en una sociedad que, durante siglos, condenó la homosexualidad. De este modo, la palabra *xibungo* establece relaciones semánticas con otras palabras y, así, es posible analizar cómo las palabras constituyen una relación directa con la Historia y la forma de jerarquizar a los sujetos en la sociedad. Los significados de *xibungo* también presentan la

¹ Artigo apresentado no X Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e IX Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, na modalidade online, 2024.

² Doutor em Estudos Linguísticos, na linha de Língua, Sujeito e História pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil; felipe230285@hotmail.com.

manera cómo se construye socialmente el concepto de masculinidad y cómo las masculinidades pueden ser plurales y heterogéneas.

Palabras-clave: Estudios de género; Historia de las Ideas Lingüísticas; Jorge Amado; Literatura; Masculinidades.

Abstract

The novel *Jubiabá* by Jorge Amado is a work where many social practices can be observed and are considered interesting by researchers. The work shows how Balduino, the main character, behaves to fit the heterosexual standards required by the society where he lives, as well as the way he relates to other characters. Regarding this, the present work aims to make a historical-enunciative analysis of the word *xibungo* in *Jubiabá*, having as analytical devices the works *reescrituração por sinonímia* (Guimarães, 2018) and *palavra-puxa-palavra* (Silva, 1996). This way, when the meanings for the word *xibungo* were looked up in the dictionary *Novo Dicionário Aurélio de língua portuguesa* (1975), it was observed that such meanings present questions of sexuality and gender. These meanings have been historically constructed in a society that condemned homosexuality for centuries. This way, it was understood that the word *xibungo* establishes semantic relations with other words and it was observed the way they have a direct relation with History and how subjects are hierarchized in society. The meanings found for *xibungo* also bring up the ways how the masculinity concept is socially constructed and to what extent masculinity(ies) can be plural and heterogeneous.

Keywords: Gender studies; History of Linguistic Ideas; Jorge Amado; Literature; Masculinities.

Considerações iniciais

Toda produção intelectual implica esforço, resiliência e dedicação. Enquanto doutorando em fase de escrita de tese, encontrei-me em um período de muita leitura e busca por conhecimento. Por um lado, esse intenso período é bastante prazeroso, pois, por meio das leituras, descobrimos novas vozes, novos mundos, novos saberes e novas possibilidades. Por outro, há momentos em que nos sentimos exaustos. A exaustão, somada ao contexto de pandemia e isolamento social em 2020, me levou a deixar um pouco de lado as pesquisas necessárias para escrever minha tese e a me aventurar em novos mares, respirando, assim, novos ares. Ao deparar-me casualmente com a obra *Jubiabá*, pensei: por que não ler um romance para “fugir”, por alguns instantes, das leituras obrigatórias à escrita de minha tese? Entretanto, o que deveria ter sido uma simples leitura despreziosa e recreativa resultou no presente artigo, pois nessa obra foi possível observar uma série de práticas sociais que tanto me interessam enquanto pesquisador.

A obra *Jubiabá*, publicada originalmente em 1935 pelo autor baiano Jorge Amado, é a materialidade literária e linguística que me serve de objeto de análise para este estudo. Na posição de pesquisador vinculado aos Estudos Linguísticos, proponho-me, neste trabalho, a estabelecer um diálogo entre Linguística e os Estudos de Gênero, articulando-me também à Literatura, à História e às Ciências Sociais. É importante mencionar que, em minha trajetória

enquanto investigador, tenho analisado a maneira como as palavras estão atravessadas pela História e como seus sentidos podem manifestar questões de gênero, sexualidade e raça. Enquanto analista e estudioso de dicionários, analiso a maneira como os verbetes que formam parte dos dicionários evidenciam aspectos históricos, culturais e sociais por meio de suas definições. Os instrumentos linguísticos que tenho analisado até então são regionalistas, mais especificamente produzidos no Rio Grande do Sul. Sendo assim, proponho, neste artigo, pensar na língua como forma de segregar e excluir sujeitos, considerando o modo como preconceitos e segregações se materializam nas palavras. Realizar este artigo é também um gesto de pensar os sentidos da palavra *xibungo* em um contexto mais nacional e menos vinculado ao regionalismo do Rio Grande do Sul, ao qual estou habituado enquanto pesquisador.

Meu primeiro gesto consiste em apresentar um breve resumo de *Jubiabá*, descrevendo o enredo e o personagem principal – Antônio Balduíno, também conhecido como Baldo. Na obra, observo questões pertinentes às pesquisas que realizo. Dentre essas questões, destaco as construções sociais de gênero e a maneira como elas engendram as relações entre homens e mulheres – sempre que me referir a homens e mulheres usarei o plural, pois entendo que o singular *homem* e *mulher* pode não dar conta das formas variadas de masculinidades e feminilidades. Destaco também as representações de personagens masculinos e femininos, masculinidade(s), atitudes e enunciados que funcionam como tática adotada por Balduíno para mostrar-se à sociedade como um “homem de verdade”.

A trama apresenta vários elementos que me suscitaram algumas questões. De que maneira Balduíno se afirma como um homem heterossexual? Quais são os sentidos da palavra *xibungo*? Quem é o sujeito assim designado e como ele é retratado em *Jubiabá*? Essas são as perguntas norteadoras do presente trabalho e que serão discutidas e aprofundadas no gesto de análise, no qual apresento o recorte da obra em que a palavra *xibungo* aparece.

Conforme já expliquei, em minhas pesquisas acadêmicas – incluindo dissertação de mestrado, tese de doutorado, artigos e outras formas de produção de conhecimento –, tenho refletido sobre como a construção social de gênero se materializa nas definições de palavras que constam em dicionários. Portanto, para discutir sobre os sentidos de *xibungo*, consulto o *Novo Dicionário Aurélio de língua portuguesa* (1975), visto que sou/estou filiado teoricamente à História das Ideias Linguísticas (HIL), campo de estudos que concebe os dicionários como instrumentos linguísticos nos quais se materializam aspectos sócio-históricos da sociedade. O dicionário consultado foi escolhido também por haver sido lançado no mesmo século da

publicação de *Jubiabá*. Para realizar esse gesto de análise, amparo-me teoricamente nos conceitos de *reescrituração por sinomínia* (Guimarães, 2018) e *palavra-puxa-palavra* (Silva, 1996), visto que esses dois dispositivos analíticos permitem verificar as relações semânticas que certas palavras podem estabelecer entre si e o modo como essas relações se interligam à História, às questões de gênero e às questões raciais.

1. *Jubiabá*: um mosaico de práticas sociais

O menino Balduíno, herói negro, observa ao longe a cidade da Bahia, feminilizada para ser representada como um corpo a ser conquistado (Pinho, 2018, p. 146).

Jubiabá é o quarto romance do escritor Jorge Amado, sendo considerado pelo antropólogo Alfredo Wagner Berno De Almeida (1979, p. 139) uma obra pertencente à fase do “romance proletário”, iniciada pelo escritor com *Cacau* (1933). Em *Jubiabá*, o personagem principal é Antônio Balduíno, chamado carinhosamente por amigos e conhecidos de Baldo. É um menino negro, órfão de pai e mãe, criado pela tia. Balduíno vive livremente em um bairro humilde – Morro Capa-Negro – e Salvador, Bahia. É descrito como um menino ágil, brincalhão e *masculino*, conforme os padrões de masculinidade regidos pela sociedade heteronormativa. Separado da tia, Balduíno passa a viver com uma família de classe média alta, a família Pereira. Nesse período, apaixona-se por Lindinalva, a filha do casal que o adotou, e entra em conflito com a cozinheira da família, que acusa o garoto de espionar a patroa e a filha em momentos íntimos. Acontece, assim, um embate entre a palavra de um sujeito branco (a cozinheira) e um sujeito negro (Balduíno). A palavra da mulher branca prevalece, e Balduíno é expulso da casa onde vive. É possível, assim, acompanhar a jornada de Balduíno, o qual perambula pelas ruas e conhece outros meninos em igual situação de vulnerabilidade social até se transformar em lutador de boxe. Desde a infância até a fase adulta, o personagem, em alguns momentos, faz questão de afirmar-se como um homem viril, envolvendo-se em lutas corporais e tendo relacionamentos passageiros com as *cabrochas* (mulheres descritas como *mulatas* e que aparecem na obra como amantes de Balduíno).

Muitas são as práticas sociais presentes em *Jubiabá*. Embora as questões de gênero e sexualidade sejam as que recebem maior atenção neste trabalho, posso observar que o romance retrata outras mazelas sociais. De acordo com a antropóloga Laura Moutinho (2004, p. 310), a obra é permeada por um tom de tristeza e melancolia, apresentando personagens que, sem

muitas esperanças de uma vida melhor, entregam seus futuros ao destino. Nesse sentido, para a autora, “Entre uma ida ou outra de Antônio Balduíno, o protagonista, à macumba de pai Jubiabá, à Lanterna dos Afogados, para tocar umas ‘modas’, beber cachaça e ‘bolir’ com as ‘mulatas’, vemos um cenário de fome, injustiça social, pobreza, abandono, mortes e suicídio” (Moutinho, 2004, p. 310).

Dessa forma, a narrativa de Jorge Amado constrói, página a página, um herói viril, destemido e que faz questão de se autoafirmar como tal. A autoafirmação de Balduíno acontece, muitas vezes, pela maneira como ele se enuncia enquanto sujeito, isto é, a maneira como ele coloca a língua em funcionamento para corroborar a sua posição de sujeito heterossexual.

2. Linguagem e enunciação: quando enunciar é também depreciar

Não há registros de uma sociedade humana que seja capaz de se organizar sem fazer uso da linguagem. Para Émile Benveniste (2005), os homens usam a linguagem como instrumento de comunicação porque não acharam nenhum outro instrumento igualmente eficaz, de modo que “É na linguagem que o homem se constitui como sujeito” (Benveniste, 2005, p. 286), sendo que cada locutor se apropria da linguagem e designa a si mesmo como *eu*. A enunciação, por sua vez, consiste no gesto de “colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização” (Benveniste 2006: 82). Nessa perspectiva, o sujeito se entende como sujeito por meio da linguagem e dela faz uso para interpretar a realidade e a sociedade da qual faz parte e na qual interage com outros sujeitos.

Diante do *outro*, podem acontecer conflitos, estranhamentos, tensões. Com base nos apontamentos do psiquiatra e filósofo Frantz Fanon (2008), considero que a categoria do *outro*, para um sujeito branco, é o sujeito negro. O contato e o embate entre esses dois sujeitos se acirraram na época das navegações e das descobertas, o que acarretou o processo de colonização. Os primeiros contatos entre brancos e negros gerou toda sorte de preconceitos e estigmas, que, conseqüentemente, deixaram marcas na linguagem. Segundo Fanon (2008, p. 160), “Na Europa, isto é, em todos os países civilizados e civilizadores, o negro simboliza o pecado. O arquétipo dos valores inferiores é representado pelo negro”.

Nesse panorama, o sujeito coloca a linguagem em funcionamento para enunciar seus desejos, anseios, opiniões e, também, preconceitos. Ao deparar-se com o *outro*, o sujeito

enunciador utiliza a linguagem para estigmatizá-lo. Amparado teoricamente nos pressupostos do sociólogo Erwing Goffman (2019), assumo que o *estigma* é uma marca que o outro carrega consigo, marca essa que pode ser física ou simbólica. Ela pode estar no corpo do sujeito de uma forma natural – uma deficiência física, por exemplo – ou ter sido causada por outros sujeitos com o intuito de estigmatizá-lo, como era o caso de pessoas que viveram na Grécia antiga. Como exemplos de sujeitos estigmatizados, tem-se as mulheres, os homossexuais e os negros.

Dessa forma, a linguagem nunca é neutra, pois todas as palavras que mobilizamos enquanto sujeitos enunciativos estão imbuídas de sentidos construídos historicamente. Muitas das palavras que fazem parte do léxico empregado em cada sociedade carregam consigo uma história de estigmas e opressões nem sempre conhecidas pelos falantes da língua dessa sociedade. As palavras também materializam o embate entre o *eu* e o *outro*, como, por exemplo, o *eu heterossexual*, dentro das normas do que é ser um “homem de verdade”, diante de um outro que é homossexual, um sujeito visto como um “homem inferior”.

3. História das Ideias Linguísticas: desconstruindo o olhar superficial para com os dicionários

A História das Ideias Linguísticas (HIL) é um campo de estudos que surgiu no Brasil por meio de uma parceria entre pesquisadores brasileiros filiados à UNICAMP – Universidade Federal de Campinas e pesquisadores franceses filiados à Paris VII – Universidade de Paris. Essa parceria resultou em profícuos estudos tendo como objetos de pesquisa instrumentos linguísticos, tais como gramáticas, dicionários, glossários, livros didáticos etc. Para o filósofo Sylvain Auroux (2014, p. 65), gramáticas e dicionários “são ainda hoje os pilares de nosso saber metalingüístico”, ou seja, por meio desses dois instrumentos linguísticos é possível descrever e instrumentar uma língua. Dessa forma, gramáticas e dicionários, além de registrarem uma determinada língua, permitem que ela seja ensinada, possibilitando que se conheçam novas línguas e, conseqüentemente, novas formas de interpretar o mundo e a realidade.

Considero uma das principais contribuições da HIL o olhar diferenciado para com os dicionários. Tal olhar permite que os analistas e estudiosos de dicionários tomem esses instrumentos como objetos discursivos nos quais se manifestam aspectos sociais, históricos, culturais e ideológicos da sociedade em que é produzido. Assim, os analistas e estudiosos de dicionário diferenciam-se dos “leitores comuns” desses instrumentos, que, muitas vezes,

concebem-nos somente como ferramentas de consulta. Segundo o linguista José Horta Nunes (2006, p. 43), esse campo de estudos pesquisa o “saber linguístico” e o “discurso sobre a língua” que se manifesta em instrumentos linguísticos; desse modo, pesquisadores vinculados à HIL consideram que

[...] o dicionário é um material interessante para se observar os modos de dizer de uma sociedade e os discursos em circulação em certas conjunturas históricas. Nele as significações não são aquelas que se singularizam em um texto tomado, isoladamente, mas sim as que se sedimentam e que apresentam traços significativos de uma época (Nunes, 2006, p. 11).

Assim sendo, nas pesquisas que tenho desenvolvido acerca de dicionários, observo que questões de gênero e sexualidade se manifestam nas definições de verbetes, como é o caso das definições de *xibungo*, as quais discutirei no gesto de análise. Ou seja, as definições de certas palavras dão indícios de como a sociedade concebe os sujeitos que dela fazem parte; dentre tais concepções, destacam-se aquelas relativas ao que é ser homem e/ou ao que é ser mulher.

4. Balduino não nasceu homem; tornou-se homem

O título desta seção é uma paráfrase do célebre e provocativo enunciado da filósofa francesa Simone de Beauvoir: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 2016, p. 11). Esse enunciado consta em um dos livros mais famosos da filósofa, *O segundo sexo*, publicado originalmente em 1949, e dividido em dois volumes, *Fatos e mitos* (Volume 1) e *A experiência vivida* (Volume 2). A obra influenciou significativamente os estudos de gênero que se realizam desde sua publicação. Já a filósofa estadunidense Judith Butler (2003), além de convergir com Beauvoir no ponto de que o gênero é construído socialmente, compreende o gênero como uma performance influenciada por fatores externos e não como algo inato dado pela natureza. Para a autora, a dicotomia *masculino/feminino* também tem forte influência na construção de gênero: “Conseqüentemente, uma pessoa é o seu gênero na medida em que não é o outro gênero, formulação que pressupõe e impõe a restrição do gênero dentro desse par binário” (Butler, 2003, p. 45). Portanto, ao longo da vida, os sujeitos vão se reconhecendo como homens ou mulheres de acordo com as normas estabelecidas pela sociedade onde vivem.

A frase que dá título a esta seção, além de ser uma paráfrase de Beauvoir, vai ao encontro da afirmação da pesquisadora Dagmar Meyer (2003, p. 19): “Se, como enfatizou Simone de Beauvoir (...), nós não nascemos mulheres, nos tornamos mulheres, o mesmo se pode dizer dos homens”. Assim, de acordo com o psicólogo Sócrates Nolasco (1993, p. 42), os sujeitos

homens, desde o nascimento, são “vigiados” pela sociedade patriarcal e precisam a todo instante adequarem-se aos padrões de masculinidade impostos por ela. A afetividade lhes é castrada enquanto as brincadeiras violentas e as demonstrações de virilidade se lhes são estimuladas. Dessa maneira, muitos homens acreditam que, para serem “homens de verdade”, necessitam exibir qualidades tais como coragem, virilidade, esperteza e força, como se fossem imunes a “fragilidades, inseguranças e angústias” (Nolasco, 1993, p. 42).

Logo, em minhas pesquisas sobre gênero, tenho constatado que os estudiosos de gênero – de Simone de Beauvoir a Judith Butler, incluindo outros autores de diversas áreas do saber – convergem quanto ao papel da cultura e da sociedade como elementos que engendram as concepções que temos acerca do gênero masculino e do gênero feminino. Por isso, *gênero* passou a ser uma categoria de análise usada também por historiadores para compreender como as hierarquias entre homens e mulheres se deram em determinados períodos históricos.

5. Um gesto de análise: quem é o Xibungo?

Nesta seção, proponho uma discussão sobre como questões históricas e relacionadas aos estudos de gênero e sexualidade se materializam em alguns trechos específicos da obra *Jubiabá*. Também apresento definições da palavra *xibungo* recortada de *Novo Dicionário Aurélio de língua portuguesa* (1975) para que possa refletir acerca de quem é esse sujeito e de como ele é retratado na obra. Antes, faz-se necessária uma problematização a respeito do que do que é *definição*. De acordo com o dicionário mencionado, *definição* é: “**1.** Ato de definir; determinação exata. **2.** Expressão com que se define **3.** Explicação precisa; significação: *definição de uma palavra*. **4.** Exposição, descrição, enunciação” (Ferreira, 1975, p. 294, grifos do autor). No que se refere a verbetes que definem sujeitos, suas definições apresentam “uma enumeração de características correspondentes a ele” (Siveris; Rodrigues; Petri, 2009, p. 6).

Um dos dispositivos analíticos que mobilizo para a presente análise é o conceito de *reescrituração por sinonímia*, proposto pelo linguista Eduardo Guimarães (2018, p. 90):

A reescrituração apresenta uma palavra ou expressão como tendo o mesmo sentido que a outra à qual se liga. O interessante a observar é que a reescrituração por sinonímia acaba por atribuir sentido (predicar) de um termo sobre o outro, o que mostra o movimento polissêmico de reescrituração em geral e mesmo da sinonímia.

Esse conceito permite analisar o modo como uma determinada palavra se relaciona com

outras no interior de um determinado enunciado. A partir de tal conceito, analiso o recorte da obra *Jubiabá* em que a palavra *xibungo* aparece:

Vocês sabem que eu nunca quis comer ninguém. Eu só gosto de mulher. Se o menino fosse xibungo tá direito. Mas aí não ficava com a gente que a gente não quer fresco aqui... O menino é macho, ninguém bole nele” (Amado, 1986: 56).

No contexto do diálogo recortado, o narrador descreve Felipe, mais conhecido como “Felipe, o belo”. Ele é descrito como um menino de cabelos louros, cuja beleza cativava as mulheres, de modo que delas Felipe era o que mais ganhava esmolas, em comparação a seus companheiros de rua, visto que esse trecho da obra se dá em um momento que Balduíno vive nas ruas com um grupo de meninos. O diálogo acontece logo depois que o mulato Sem Dentes ataca Felipe e puxa-lhe as calças, em uma tentativa de estupro. Como forma de defender “o Belo”, Balduíno profere o enunciado recortado, no qual é possível observar duas práticas sociais: a afirmação da heterossexualidade e o rechaço à homossexualidade. No enunciado “Eu só gosto de mulher”, verifico a autoafirmação de Balduíno como um homem heterossexual, o que, para uma sociedade heteronormativa, significa ser um “homem de verdade”. Quando Balduíno se afirma como um homem heterossexual, não é apenas uma questão de sexualidade que está em jogo, pois a questão da masculinidade negra também se faz presente. Nesse sentido,

Na literatura sobre masculinidades, percebe-se a prevalência da ideia de um “homem verdadeiro”. Quando o processo de racialização incide sobre esse “homem verdadeiro”, nos deparamos com a construção do estereótipo do homem negro, marcado pela supervalorização da virilidade, da força física, da violência, da pouca inteligência e da pobreza. O corpo do homem negro é uma máquina de matar e morrer (Messeder; França; Lima, 2018, p. 176).

A virilidade é uma virtude que a sociedade exige dos homens negros desde os tempos coloniais, tempos esses em que o olhar branco e europeu sexualizou os corpos negros, tanto masculinos quanto femininos. No que tange aos homens negros, houve uma construção social que os relegou à imagem de homens viris, cujo apetite sexual e cujo tamanho do falo são exacerbados e valorizados:

[...] a identidade sexual negra é exaltada com a ideia de reprodução, virilidade, potência e tamanho do órgão sexual.

Assim, os homens negros ganham legitimidade ou reconhecimento social. Em outras palavras, o desempenho sexual e o imaginário protetor são utilizados para empoderá-los no mercado sexual e racial (Junior; Caetano, 2018, p. 194).

Dessarte, Balduino, além de provar-se como um homem heterossexual, usou de sua virilidade para defender Felipe, o Belo, como observo nesse primeiro movimento de análise. Apresento, então, a palavra *xibungo*, definida no *Novo Dicionário Aurélio de língua portuguesa* (Ferreira, 1975, p. 1493):

“Xibungo. S. m. Bras., N. E. Chulo. Pederasta passivo”.

Deparo-me, novamente, com questões de masculinidade e sexualidade. A palavra *xibungo* se aproxima semanticamente de outras, como *veado* e *bicha*, palavras essas mobilizadas para depreciar os homens homossexuais e aproximá-los do feminino, da condição de mulher; exatamente características que devem ser rechaçadas por homens que almejam o status de “homem de verdade”. Nesse sentido, *veado* e *bicha* são “termos que buscam ofender homens heterossexuais, identificando-os como homossexuais, tais como ‘marica’ e ‘bicha’, termos que, simbolicamente, são afirmados como forma negativa de associar o feminino aos homens” (Pereira; Brito, 2018, p. 216).

Xibungo também estabelece uma relação semântica com a palavra *pederasta*, como podemos notar na definição “pederasta passivo”. Ou seja, posso relacionar a palavra *xibungo* com a palavra *pederasta*, definida no *Novo Dicionário Aurélio de língua portuguesa* (Ferreira, 1975, p. 1063) como “Aquele que é dado à pederastia”. *Pederastia*, por sua vez, é definida como “Contato sexual entre um homem e rapaz bem jovem (...) Homossexualismo masculino” (Ferreira, 1975, p. 1063).

Sob esse viés, as palavras estabelecem relações entre si, o que, de acordo com a linguista Mariza Vieira da Silva (1996, p. 154) tem a ver com o processo de “palavra-puxa-palavra”, no qual “um significante-puxa-outro significante”. Portanto, as relações semânticas entre *xibungo*, *pederasta* e *pederastia* levam a observar que “se forma uma rede de significados que não cessa e que pode sempre apontar para outro sentido”. De acordo com os apontamentos da historiadora Mary del Priore (2014), as palavras *pederasta* e *pederastia* constituem relações semânticas com as palavras *pedófilo* e *pedofilia*. *Pedofilia*, por seu turno, é um neologismo que, conforme Priore (2014, p. 151-152),

[...] deriva de “pedófilo”, de uso corrente no século XIX. Esse termo, por sua vez, substituiu o antigo “pederasta”, que tomou um sentido especial como “amor de jovens meninos”, mais tarde sinônimo de homossexualismo. A palavra derivou da expressão “pedofilia erótica” proposta por

Krafft-Ebing, em 1886, no seu *Psicopatia sexualis*, para qualificar a atração sexual em relação às pessoas impúberes.

Ainda para a historiadora, a homossexualidade era fortemente rechaçada no Brasil do século XIX. Intelectuais, advogados, médicos, políticos e outros profissionais das mais variadas áreas condenavam abertamente a homossexualidade, condenação essa muitas vezes registradas em livros e manifestos. Nesse contexto, a socióloga Raewyn Connell (2016, p. 142-143) afirma que a homossexualidade masculina representa uma espécie de masculinidade subordinada, visto que a masculinidade hegemônica é a heterossexual: “Tornar-se heterossexual demanda que outras possibilidades sexuais sejam marginalizadas, principalmente o erotismo homossexual”. Dessa forma, a rejeição aos homens homossexuais acontece de maneira intensa e violenta em várias esferas – na cultura e na política, por exemplo –, de modo que a língua também atua como um elemento estigmatizante e excludente.

No momento em que Balduino enuncia “Se o menino fosse xibungo tá direito. Mas aí não ficava com a gente que a gente não quer fresco aqui... O menino é macho”, está garantindo que Felipe, o Belo, é heterossexual; caso contrário, não poderia andar “com a gente”. Dito de outro modo, Balduino autoriza a presença e a permanência de Felipe no grupo, pois a sexualidade deste, supostamente heterossexual, não transgrede as regras da heteronormatividade que tange às relações entre o personagem principal e os meninos com os quais convive.

O gesto de análise aponta também as diversas formas de performar a masculinidade. De um lado, Balduino, descrito como um sujeito másculo, viril e destemido. De outro, Felipe, o belo, um menino mais frágil, exposto às agressões do personagem Sem Dentes. Nesse caso, compreendo que o mais adequado é colocar a *masculinidade* no plural: *masculinidades*. Isso porque existem várias formas de exercê-las, considerando-se que os sujeitos são plurais e a sociedade é heterogênea. Tais pluralidade e heterogeneidade são corroboradas pelo psicólogo Marcos Nascimento (2018, p. 17), segundo o qual existem “múltiplas maneiras e possibilidades de exercício da masculinidade”. Por meio dos dispositivos analíticos mobilizados, aponto como a palavra *xibungo* estabelece relações semânticas com outras palavras – *veado*, *bixa*, *pederasta*, *pedófilo* –, relações essas engendradas pela História, em que, por séculos, a homossexualidade foi rechaçada. De acordo com o pesquisador Michael Kimmel (1997, p. 55), a homofobia constitui um dos principais pilares na construção da(s) masculinidade(s) e dos conceitos acerca do que é ser “homem de verdade”. Sendo assim, o *xibungo* sofreu rejeição em um espaço no

qual a homossexualidade não era permitida, espaço esse em que a virilidade de Baldo e do personagem Sem Dentes reinavam de forma soberana.

Considerações finais: obrigado, Balduino, por proporcionar todas essas reflexões

Jubiabá é uma obra na qual se pode observar uma miríade de práticas sociais. Nela, pude testemunhar a luta entre classes e raças (como na passagem em que a cozinheira – branca – da família de Lindinalva faz graves acusações contra Balduino – não branco –, e a família, por sua vez, dá mais credibilidade à palavra da cozinheira). Pude testemunhar, igualmente, hierarquias, hegemonias, demonstrações de virilidade por parte da personagem principal, ideais de beleza inspirados em padrões brancos e europeus (Lindinalva, a grande paixão de Balduino, tinha o cabelo ruivo e a pele clara), as *mulatas/cabrochas* sensualizadas na condição de amantes passageiras, o *xibungo* como um menino frágil e que precisa ser defendido pelo protagonista, ao mesmo tempo em que sua sexualidade é posta em questão. Foi possível constatar, ainda, questões de gênero e masculinidades (a virilidade de Baldo e as atitudes tomadas por ele com o intuito de provar-se como um “homem de verdade”). Enfim, há uma enorme gama de aspectos sociais, históricos, políticos, ideológicos e linguísticos que atravessam a obra.

A palavra *xibungo* é constituída de sentidos depreciativos relacionados aos homens homossexuais, sujeitos esses bastante estigmatizados na sociedade heteronormativa e patriarcal. *Cabrocha*, por sua vez, reforça o imaginário sobre a mulata sensual e libidinoso que se formou no Brasil durante o período de colonização, ganhando ainda mais força no século XIX por meio da música e da literatura. Em minhas pesquisas, tenho observado o modo como as palavras e suas definições em dicionários são capazes de trazer à baila questões históricas, de gênero, sexualidade e raça, sobretudo no âmbito regionalista do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, analisar o funcionamento de *xibungo* em *Jubiabá* foi um gesto de entender a maneira como certas palavras cujos sentidos estão revestidos de questões referentes a gênero e sexualidade funcionam também em obras de outras regiões que não o Rio Grande do Sul, visto que a obra se passa na Bahia. *Xibungo* configura uma dessas palavras e marca um sujeito estigmatizado por uma desconfiança do outro acerca de sua sexualidade.

Por fim, posso afirmar que, na posição de estudioso e analista de dicionários, tenho realizado pesquisas que estabelecem uma relação entre Linguística, Literatura, História, estudos

de gênero e questões raciais, tomando os dicionários como objetos discursivos nos quais é possível analisar como as construções sociais atribuídas a gênero se materializam em verbetes. Nessa perspectiva, compreendo que cada palavra carrega consigo uma história que, muitas vezes, pode estar marcada de preconceitos, exclusões, hierarquias etc., como é o caso de *xibungo*. Dessa forma, a linguagem e as palavras podem atuar como ferramentas que perpetuam o preconceito de gênero e que estigmatizam sujeitos não pertencentes à heterossexualidade hegemônica.

Referências

Obra analisada: AMADO, J. *Jubiabá*. Círculo do Livro S.A.: São Paulo, 1986.

Dicionário consultado: FERREIRA, A. B. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

ALMEIDA, A. W. B. *Jorge Amado: política e literatura*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016

BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral I*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral I*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

BUTLER, J. P. *Problemas de gênero: feminismos e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNELL, R. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: Editora NVERSOS, 2016.

DEL PRIORE, M. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GUIMARÃES, G. *Semântica: enunciação e sentido*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

JUNIOR, P. M. S.; CAETANO, M. Roda de homens negros: masculinidades, mulheres e religião. In: CAETANO, M. ; JUNIOR, P. M. S. (Orgs). *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018, p. 190-211.

KEHL, M. R. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1998.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

KIMMEL, M. Homofobia, temor, vergüenza y silencio en la identidad masculina. In: VALDES, T.; OLAVARRÍA, J. (Orgs). *Masculinidad(es): poder y crisis*. Santiago: Isis, Flacso, 1997, p. 49-62.

MESSEDER, S. A.; FRANÇA, E. S. C.; LIMA, M. N. M. “Daí não se ensina direito!”: narrativas com/sobre rapazes negros para uma educação libertadora. In: CAETANO, M.; JUNIOR, P. M. S. (Orgs). *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018, p. 174-189.

MEYER, D. E. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, G.; FELIPE, J.; GOELNNER, S. V. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes; 2003, p. 9-27.

MOUTINHO, L. Entre o Realismo e o Ficcional: Representações sobre Raça, Sexualidade e Classe em Dois Romances Paradigmáticos de Jorge Amado. *Physis. Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 307-327, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/physis/v14n2/v14n2a07.pdf>. Acesso em: 02 out. 2020.

NASCIMENTO, M. Essa história de ser homem: reflexões afetivo-políticas sobre masculinidades. In: CAETANO, M.; JUNIOR, P. M. S. (Orgs). *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018, p. 16-27.

NOLASCO, S. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NUNES, J. H. *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

PEREIRA, E. G. B.; BRITO, L. T. Meninos de verdade: discursos de masculinidades na educação física infantil. In: CAETANO, M.; JUNIOR, P. M. S. (Orgs). *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018, p. 212-230.

PINHO, O. O sacrifício de Orfeu: masculinidades negras no contexto da antinegritude em Salvador. In: CAETANO, M.; JUNIOR, P. M. S. (Orgs). *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018, p. 146-173.

SCHWARCZ, L. M. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SCHWARCZ, L. M. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, M. V. Dicionário e o processo de identificação do sujeito-analfabeto. In: GUIMARÃES, E.; ORLANDI, E. P. (Orgs.) *Língua e Cidadania: O Português no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 1996, p. 151-162.

SIVERIS, D.; RODRIGUES, N. R. L.; PETRI, V. Definição, descrição e nomeação em dicionários do século XIX. In: *IV SEAD – Seminário de estudos em Análise do Discurso 1969-2009: memória e história na/da análise do discurso*, p. 1-7, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/4SEAD/POSTERES/NinaRosaLichtRodrigues.pdf>>. Acesso em 31 out. 2024.